

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA (EAD)

NARA HILDA BATISTA ROCHA

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PEDAGOGO:

Um olhar sobre a trajetória de vida e formação

Igarapava

2025

NARA HILDA BATISTA ROCHA

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PEDAGOGO:

Um olhar sobre a trajetória de vida e formação

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em
Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia
(UFU), Faculdade de Educação. Apresentado à
banca examinadora como requisito parcial de
avaliação da Disciplina Trabalho de Conclusão de
Curso II.

Orientador: Prof. Dr. Mario Borges Netto

Igarapava

2025

NARA HILDA BATISTA ROCHA

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PEDAGOGO:

Um olhar sobre a trajetória de vida e formação

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para a obtenção do título de graduada em Pedagogia.

Igarapava, 18 de junho de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mario Borges Netto
Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Dr. Fabio Pessoa Vieira
Universidade Federal da Bahia

AGRADECIMENTOS

A presente trajetória foi marcada por inúmeros desafios, aprendizados e, sobretudo, pelo apoio inestimável de pessoas cuja contribuição foi fundamental para a realização deste trabalho, às quais expresso minha mais sincera gratidão.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por me conceder saúde, força e sabedoria para perseverar e concluir mais esta etapa da minha vida.

Manifesto meu profundo reconhecimento aos meus pais, Paulo e Neusa, pelo amor incondicional, pelos valores transmitidos e por todo o suporte oferecido ao longo desta caminhada.

Agradeço ao meu querido companheiro Vildo Sérgio, pela paciência e compreensão diante da minha ausência em inúmeros momentos e dias dedicados ao estudo, e por sempre me encorajar a seguir em frente.

Aos meus familiares e amigos, que, com palavras de apoio e gestos de carinho, me ajudaram a superar as dificuldades e a manter o foco nos momentos mais desafiadores, especialmente os colegas de faculdade, que compartilharam angústias e temores, mas que foram grandes aliados e incentivadores em momentos cruciais.

Aos professores que fizeram parte da minha formação, pela excelência no ensino e pelas contribuições decisivas para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal, e ao valoroso tutor Marlon César, que esteve presente ao longo desses quatro anos de curso, sempre disponível, orientando, apoiando e incentivando minha trajetória com dedicação e atenção constantes.

Dirijo um agradecimento especial aos orientadores desse trabalho, Prof. Dr. Mario Borges Netto e Prof. Dr. Mauro Machado Vieira, cuja dedicação e orientação criteriosa foram essenciais para a concretização deste trabalho.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram nesta jornada, deixo aqui o meu mais sincero agradecimento.

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade apresentar o Memorial Formativo como metodologia, ancorado na (auto)biografia da autora, por meio da rememoração de vivências e acontecimentos significativos (recortes) que delinearam sua trajetória existencial, marcada pela curiosidade intelectual e pela busca contínua por conhecimento. O Memorial Formativo configura-se como um dispositivo reflexivo e narrativo que possibilita ao sujeito uma análise crítica de sua trajetória, permitindo identificar como diferentes experiências, interações e contextos contribuíram para a constituição de sua identidade pessoal e profissional. A problemática desta pesquisa emerge de múltiplos questionamentos que instigam uma reflexão crítica acerca dos processos de formação docente, com ênfase na construção das identidades profissionais e na análise dos impactos provocados pelas políticas educacionais, pelas dinâmicas socioculturais e pelos condicionantes econômicos nesse processo formativo. A partir das contribuições teóricas dos autores que embasaram esta investigação — Freire (1996), Vygotsky (2001), Tardif (2002), Libâneo (2004, 2005) e Saviani (2007, 2013) — foi possível aprofundar a compreensão dos percursos formativos na educação, destacando-se a relevância do papel do professor no contexto educacional. Este trabalho está estruturado em seis seções que percorrem a trajetória pessoal, acadêmica e profissional da autora. Ao longo do texto, o leitor encontrará reflexões iniciais sobre o processo de escrita do memorial, a (auto)biografia com ênfase na história pessoal e familiar, lembranças marcantes da trajetória escolar e da primeira graduação, experiências na Educação Profissional e Tecnológica, vivências no curso de Pedagogia da UFU e, por fim, uma análise crítica sobre a formação docente e a construção da identidade profissional.

Palavras-chave: Memorial formativo. Identidade docente. Pedagogia e Educação.

ABSTRACT

This work aims to present the Formative Memorial as a methodology, anchored in the author's (auto)biography, through the recollection of experiences and significant events (snippets) that delineated her existential trajectory, marked by intellectual curiosity and the continuous pursuit of knowledge. The Formative Memorial is set up as a reflective and narrative device that allows the individual a critical analysis of their path, enabling them to identify how different experiences, interactions, and contexts contributed to the formation of their personal and professional identity. The problem of this research emerges from multiple questions that stimulate critical reflection on the processes of teacher training, with an emphasis on the construction of professional identities and the analysis of the impacts caused by educational policies, sociocultural dynamics, and economic constraints in this formative process. Based on the theoretical contributions of the authors who supported this investigation — Freire (1996), Vygotsky (2001), Tardif (2002), Libâneo (2004, 2005), and Saviani (2007, 2013) — it was possible to deepen the understanding of formative paths in education, highlighting the relevance of the teacher's role in the educational context. This work is structured into six sections that cover the personal, academic, and professional trajectory of the author. Throughout the text, the reader will find initial reflections on the writing process of the memoir, the (auto)biography with an emphasis on personal and family history, significant memories of the school journey and the first degree, experiences in Professional and Technological Education, experiences in the Pedagogy course at UFU, and finally, a critical analysis of teacher training and the construction of professional identity.

Keywords: Formative memorial. Teacher identity. Pedagogy and Education.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. Trilhos de Afeto: Minha Família, minha história	9
3. Paisagens do Tempo - Parada Escolar: onde tudo começou	12
4. Conexões entre Aprender e Trabalhar	23
5. Entre Trilhos e Saberes: A Pedagogia no Meu Caminho	30
6. Conclusão	37
7. Referências:	39

Estação de partida: minha jornada pessoal

1. Introdução

Começo a escrever esse texto, como um desafio, uma imersão/introspecção auscultada de uma trajetória de vida, como uma viagem de trem... Mas qual trem? O trem da vida... Com vagões, muitos vagões, vagões diferentes, analogicamente falando, compostos por fases, por etapas, por vidas e momentos em que muitos já aportaram, entre amparos e desamparos, gostos e desgostos, esperanças e desesperanças, alegrias e tristezas... É um trem colorido, animado, barulhento e turbulento que continua sua viagem, com partidas e chegadas, com paradas e paragens, na qual cada estação, uns vêm e vão, outros vão e vêm, e assim, esse trem continua seu trajeto, seu caminho... E suas particularidades? E suas paragens? E suas paisagens? Todas essas são aquelas que vou contar para vocês a partir desse texto!

Por onde começo? Pela difícil decisão em escrever esse memorial formativo, como um resgate da minha trajetória profissional-acadêmica, juntamente com o medo e as angústias que me acompanham frequentemente diante da nova profissão abraçada: ser professora! Há um enorme desafio em escrever minha trajetória nesse trem da vida. Porque entre idas e vindas, aos meus cinquenta anos, decido cursar outra faculdade, por uma paixão que havia se iniciado há pouco mais de uma década: a educação. Falar sobre si mesma, numa recordação autobiográfica formativa, me conduz a uma reflexão dos fatos vividos e experienciados, e que, inexoravelmente, me levam a uma reconstrução da própria trajetória percorrida, dando-me por vezes, novos significados.

Assim, o propósito desse trabalho é apresentar como metodologia o Memorial Formativo a partir da (auto)biografia desta autora, com um resgate de memórias e acontecimentos que marcaram minha história de vida pela curiosidade e busca constante do conhecimento. O memorial formativo é um documento reflexivo e narrativo que permite que o autor faça uma análise crítica de seu próprio percurso, identificando como eventos, pessoas e contextos diversos colaboraram na construção da identidade profissional e pessoal. “Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade” (CUNHA, 1997, p. 187).

O uso das narrativas, seja na pesquisa ou no ensino, implica desconstruir e reconstruir as próprias experiências, tanto do professor ou pesquisador quanto dos sujeitos envolvidos. Esse

processo demanda o estabelecimento de uma relação dialógica, marcada por uma cumplicidade mútua, em que a descoberta acontece de forma compartilhada: ao reconhecer o outro, também se revelam aspectos de si mesmo (CUNHA, 1997). Contar as próprias histórias é uma forma da pessoa tornar-se visível para ela mesma, é uma forma de usar a racionalidade prática e refletir sobre o próprio processo. Ao narrar, percebemos a construção da nossa performance a partir de inúmeras referências: nossa história familiar, nossa trajetória escolar, profissional, acadêmica, o ambiente de trabalho, nosso contexto cultural, enfim, percebemos nossa história no exercício de reflexão sobre o ato em si.

Quando narramos a nossa experiência de vida, seja ela pessoal ou profissional, estamos permitindo que o outro tenha a percepção daquilo que fazemos e do que pensamos sobre o que fazemos. Dessa forma a produção narrativa é feita dos acontecimentos que são referentes à vida do autor, a sua experiência de formação e sua prática profissional (DA SILVA SOUZA; DE OLIVEIRA CABRAL, 2015). A narrativa permite que uma rememoração de dimensões pessoais esquecidas possa ser lembrada, e situadas no espaço-tempo.

Sendo assim, serão abordados nesse memorial formativo as vivências familiares, escolares e profissionais. O memorial nos permite expressar nossas ideias e sentimentos, a análise de nosso progresso, identificando pontos fortes e áreas de melhoria, num processo contínuo de aprendizagem, mostrando como cada experiência contribuiu para o crescimento pessoal e profissional, a partir da citação de experiências, projetos, desafios e conquistas que marcaram a formação, possibilitando a concretização desse trabalho.

Serão destaque os seguintes recortes a serem apresentados: as motivações para escolhas acadêmicas e profissionais; as principais experiências e influências que moldaram o meu desenvolvimento, as dificuldades e superações ao longo da minha trajetória, as aprendizagens adquiridas em diferentes contextos, expectativas e objetivos futuros.

Nosso problema de pesquisa surge a partir de várias indagações que nos levam a uma reflexão sobre os processos de formação de professores, como suas identidades são construídas e quais impactos são causados pelas políticas, pela cultura e pela própria economia nessa formação. Dentre algumas angústias e indagações, pergunto:

- Qual a intenção em se formar o professor?
- A docência é um ato educativo, uma ação educacional, um exercício educativo, político, intencional?
- O que o ato de ensinar repercute nos educandos?

Diante desses questionamentos e para delimitação dessa estrutura textual, esse trabalho possui como objetivo geral apresentar como foi minha trajetória na Educação Básica e no Nível

Superior, na vida pessoal e profissional, considerando quais sujeitos e momentos temporais impactaram na formação da minha identidade profissional. Para mais, os objetivos específicos são: narrar a minha história familiar e os aspectos familiares que influenciaram na construção da minha formação; contar minha trajetória escolar, o reencontro com as memórias discentes de minha vida acadêmica, desde o início da escolarização até a primeira graduação e outras formações escolares; relatar minha trajetória profissional com experiências de trabalho e meu retorno à universidade para cursar Pedagogia, e, apresentar reflexões sobre o curso de formação de professores e a profissionalização dos docentes com relatos acadêmicos e profissionais.

A primeira seção desse trabalho, essa introdução, aborda os elementos que são próprios do memorial e meus primeiros questionamentos e ansiedades diante do desafio que representou para mim a escrita desse trabalho, face a extensão das minhas vivências discentes e docente. Na segunda seção faço uma (auto)biografia na qual compartilho minha história pessoal e familiar. Posteriormente, na seção Parada Escolar: onde tudo começou, revisito meus anos no ensino básico e na minha primeira graduação, destacando como essas experiências iniciais na educação marcaram profundamente minha trajetória de vida e culminaram em escolhas futuras. Na quarta seção, traço um panorama das minhas vivências discentes e profissionais docente na Educação Profissional e Tecnológica e como ela reforçou meu interesse pela educação e a formação dos sujeitos, inclusive no mestrado em Educação. Na quinta seção analiso as minhas experiências no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia, destacando algumas disciplinas e contextualizando-as com a da formação de professores, sobretudo na construção da identidade docente. Por fim, na última seção, apresento as conclusões e reflexões sobre esse trabalho.

2. Trilhos de Afeto: Minha Família, minha história

Nasci na cidade Uberaba/MG, uma cidade interiorana (ainda que não muito pequena), mas uma cidade marcada pelas heranças políticas e culturais do Coronelismo¹, da sociedade patriarcal ainda forte, por tradições históricas aristocráticas, com muitas fazendas e criadores de gado - conhecida terra do Zebu². Venho de uma família de classe média, uma família de

¹ “De forma genérica, entende-se por coronelismo o poder exercido por chefes políticos sobre parcela ou parcelas do eleitorado, objetivando a escolha de candidatos por eles indicados. [...] Os coronéis podem ser vistos como representantes da oligarquia agrícola-mercantil que controla o poder público e orienta suas decisões no sentido de afastar as demais classes do poder e de manter seus privilégios”. In: JANOTTI, Maria Lourdes. Coronelismo: uma política de compromisso. São Paulo: Brasiliense, 1987.

² O gado da raça Zebu foi introduzido no Brasil no século XIX. Na cidade de Uberaba, A Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ) é a entidade responsável pelo controle e registro genealógico da raça, sendo que um dos primeiros zebuínos chegou a Uberaba em 1889. A cidade se tornou conhecida por ser uma grande região de criação de gado e melhoramento genético. In: A Saga do Zebu. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/agrofolh/fa04059906.html>. Acesso em: 12 fev. 2025

costumes patriarcais, meu pai bancário, funcionário concursado do Banco do Brasil (emprego privilegiado para a época), foi nascido e criado nessas origens rurais e minha mãe, filha de um conhecido comerciante da cidade, estudou até a 8ª série, na época para a Educação Doméstica, e eu nasci quatro anos depois de meu irmão. Somos uma família pequena.

Minha mãe, maior incentivadora que tenho, veio também de uma família de costumes patriarcais, sendo ela a mais prejudicada entre seus irmãos, por trazer consigo a frustração de não ter cursado uma faculdade pelo simples fato de ser mulher, pois, todos os seus três irmãos formaram em faculdades particulares. Embora ela tivesse estudado até a oitava série, fazia parte dos estudos daquela época a formação para o lar, e ela, MULHER, sofreu na pele os preconceitos sociais e culturais daquele tempo, pois, na década de 1960, eram poucas mulheres que podiam ir para a faculdade, e essa oportunidade lhe foi roubada pelo seu gênero. Meu avô, nascido e criado em um vilarejo próximo a cidade de Uberaba, um homem honesto e íntegro, que embora só tivesse o Ensino Básico, e tendo formado três filhos homens na faculdade, conservava o rigor das tradições: mulher não precisa estudar, ela deve ficar à “sombra” do marido.

Minha avó, vinda de uma família aristocrática, filha de um fazendeiro na região, casou-se com meu avô e juntos, trabalhavam no comércio. Revisitando esse fato, percebo a controvérsia dos fatos passados, pois, minha avó que nunca havia precisado trabalhar, quando se casou, passou a ajudar meu avô no comércio, e juntos, sem empregados, nas décadas de 1940, constituíram sua família e sobreviveram com os lucros do comércio. Recordo da personalidade forte de minha avó, uma mulher austera, que superou as perdas (sobretudo financeiras) com o esforço e a dedicação ao trabalho junto ao marido. Minha mãe, não diferente de minha avó, e, já que não pode estudar, casou-se nova, constituiu sua família, e conservou em sua personalidade a mesma característica herdada de sua mãe: uma mulher forte!

Não querer para os outros aquilo que não queremos para nós é a maior prova de amor que podemos dar ao outro. Sou testemunha desse fato, pois, minha mãe me criou para ser diferente dela: para que eu pudesse ser uma mulher independente, livre, que não precisasse de ninguém para seguir no percurso da vida, que pudesse ser dona das minhas escolhas, e assim, até os dias atuais, ela permanece engajada na promoção e defesa dos meus direitos. Fui criada com extremo senso de responsabilidade: ‘seja responsável por suas escolhas, pense antes de agir e de tomar suas decisões, plante boas árvores para colher bons frutos’.

Minha infância nos anos 70 foi de fato vivida intensamente: as ruas eram nosso parquinho, onde joelhos ralados contavam histórias e as noites na casa das amigas eram pura alegria. Na adolescência, o cinema, a sorveteria, o fliperama e o barzinho eram os destinos

certos, culminando, perto da maioria, nas inesquecíveis boates (as danceterias da época) com a turma.

Mas, nem todas as estações são floridas e nem todas as paragens são calmas. Quando jovem, passei por vários enfrentamentos familiares: minha mãe liberal e meu pai radical, me tornei alvo de disputa dentro do próprio cenário doméstico: meu irmão tinha privilégios (por ser homem) e eu tinha restrições (por ser mulher) impostas pelo meu pai, restrições que várias vezes eram contornadas pela minha mãe, para que eu não fosse privada da minha adolescência como ela.

*Nas duas faces de Eva
A bela e a fera
Um certo sorriso
De quem nada quer*

*Sexo frágil
Não foge à luta
E nem só de cama
Vive a mulher*

*Por isso, não provoque
É cor de rosa choque
Não provoque
É cor de rosa choque...*

*Mulher é bicho esquisito
Todo o mês sangra
Um sexto sentido
Maior que a razão*

*Gata borralheira
Você é princesa
Dondoca é uma espécie
Em extinção*

*Por isso, não provoque
É cor de rosa choque...*

*Música: Cor-de-rosa choque
Canção de Rita Lee e Roberto de Carvalho*

Não incorporei na minha história o “sexo frágil”, essa noção machista de dominação do homem sobre a mulher, mesmo com o exemplo vivenciado dentro de casa, não me foi dado o direito de me sentir assim, não pelos outros, mas por mim e pelas defesas maternas. Essa afirmação de rejeição ao ‘sexo frágil’ revela meu posicionamento de resistência à construção social e histórica que naturaliza a inferioridade da mulher.

Mesmo diante de um contexto familiar onde o machismo e o modelo social familiar patriarcal eram vivenciados, minha recusa subjetiva à condição de fragilidade imposta às mulheres, se configura como uma forma de agência e resistência. Isso se relaciona diretamente com o que Helena Hirata (2007) analisa como "formas de dominação consentida", nas quais muitas mulheres, por razões estruturais e simbólicas, acabam incorporando papéis que reforçam sua própria subjugação. Somente após a adolescência, com minha desejada graduação, com certa autonomia financeira e diversas experiências vivenciais, pude compreender que ao rejeitar essa imposição, não por pressão externa, mas a partir de uma força interna e de uma figura materna que também simboliza defesa, pude romper com o ciclo da reprodução ideológica do patriarcado.

E minha personalidade forte, de mulher decidida, acredito que seja a herança do modelo dessas mulheres de garra que foram as mulheres mais importantes para mim, e que, inculcaram em mim a liberdade tão desejada por elas, assim, fui à luta. Apesar dos embates e dos conflitos geracionais, sai de casa com dezessete anos de idade, no ano de 1987, fui morar na cidade de São Carlos/ SP, em um pensionato feminino (era a única condição de sair de casa para estudar, que foi negociada com meu pai) para fazer um cursinho para o vestibular da Universidade de São Paulo (USP).

Uma adolescente teimosa, cheia de decisão e persistência, que desde de muito jovem decidiu o que gostaria de estudar: arquitetura ou decoração, por afinidade e aptidão, e pela facilidade no raciocínio espacial. Desde criança sempre gostei das formas, do desenho que era meu companheiro nos dias ociosos, eu olhava os objetos e os desenhava e depois coloria, ouvia música, estudei piano e violão, fiz curso de desenho técnico, fiz curso de pintura em vitral, sempre gostei das cores, das misturas, dos tons e sobretons, da arte, enfim, a área de artes, é essa minha parceira há tempos idos e vindos... que transitam pela minha história.

3. Paisagens do Tempo - Parada Escolar: onde tudo começou

Somos seres sociais. A teoria histórico-cultural, desenvolvida por Vigotski, destaca o papel fundamental da cultura, da interação social e do contexto histórico no desenvolvimento humano. Essa teoria enfatiza que o aprendizado e o desenvolvimento cognitivo são processos mediados pela linguagem e pela interação social, sendo profundamente influenciados pelo ambiente cultural em que o indivíduo está inserido. Assim, à medida que avançamos nas idades cronológicas, nosso desenvolvimento ocorre de acordo com as etapas de periodização correspondentes ao progresso da idade (Vigotski, 1997), e ao mesmo tempo que homem

progride, sofre a influência do meio social no qual se insere, das relações escolares e da vida em sociedade.

Destaco a relevância dos conhecimentos oportunizados pela teoria histórico-cultural, sobretudo com a teoria vigotskiana, que me acompanhou ao longo dos estudos, tanto do Mestrado em Educação, quanto ao longo do curso de Pedagogia, especialmente na disciplina de Educação Infantil, e nos trabalhos desenvolvidos nas atividades de observação participante no decorrer das disciplinas do Estágio Supervisionado II, III e IV. Vigotski (2001) destaca a relevância de compreender o desenvolvimento docente como uma prática social que envolve tanto dimensões pessoais quanto profissionais. Esse processo ocorre por meio da apropriação de saberes e práticas educacionais no exercício da docência, considerando a complexidade da formação do professor e a inter-relação entre indivíduo e sociedade mediada pela “atividade” no contexto social.

Dessa forma, a marcha evolutiva do mundo ocorre em sintonia com a cultura, os povos e suas gerações, e suas sociedades se desenvolvem de acordo com as características específicas de cada região, estado e país. As transmissões de conhecimento, das atividades de trabalho, ocorrem de geração para geração, e acontecem primeiramente dos pais com os filhos, pois o primeiro contato de relação de um ser com o outro é com o meio familiar, ou seja, dos pais com os filhos, depois os familiares próximos, e a partir daí temos o meio social, e claro, a *Escola!*

Nesse momento, olho o passado e percebo, nesse enorme contexto social, que essa estação é excepcionalmente grande. Entro nele e reconheço que sou hoje parte de muitas partes que foram se somando, se constituindo com aprendizados e (re)aprendizados, e mais aprendizados... esse feito me faz recordar Piaget³ e a teoria dos processos de assimilação e acomodação, uma vez que vamos nos construindo e nos constituindo nas aprendizagens com os objetos e com as relações: vamos conhecendo pessoas, professores, matérias, disciplinas, escolas, mais escolas, e mais algumas.

Ingressei aos 5 anos de idade, no 3º ano do pré-primário, no Colégio Marista Diocesano, uma escola de formação tradicional e religiosa, mediante uma prova de conhecimento⁴, pois de

³ A teoria de Jean Piaget, também conhecida como construtivismo, defende que o aprendizado é construído pela criança a partir da sua relação com objetos e pessoas. Cada nova descoberta é assimilada e acomodada às estruturas cognitivas já existentes, tornando o conhecimento da criança cada vez mais amplo. In: MUNARI, Alberto. Jean Piaget. Tradução e organização: Daniele Saheb. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 156 p.: il. – (Coleção Educadores).

⁴ Os Testes ABC são aqueles que se destinam “[...] Fundamentalmente, a verificar nas crianças que procuram a escola primária o nível de maturidade requerido para a aprendizagem da leitura e da escrita” (Lourenço Filho, 2008, p. 15). LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Testes ABC: para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita/Manoel Bergström Lourenço Filho. 13. ed. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008. 201p. – (Coleção Lourenço Filho, ISSN 1519-3225 ; 9). Disponível em:

acordo com a legislação vigente, estaria antecipando cronologicamente seis meses da idade para entrar na escola. Após discussões administrativas e a realização da prova por insistência de minha mãe, ingressei na escola no 3º ano do pré-primário e no ano seguinte, em 1977, iniciei a 1ª série do ensino primário, com seis anos de idade, e permaneci doze anos da minha vida escolar (hoje chamada de Educação Básica) como aluna do mesmo Colégio.

O Colégio Marista Diocesano, é uma Escola Católica, fundada por José Bento Marcelino Champagnat (1789-1840), em 2 de janeiro de 1817, em La Valla (França), com o nome de Instituto dos Irmãozinhos de Maria, mais conhecido como Irmãos Maristas das Escolas. “Para a educação marista, o adulto há de ser sempre uma referência segura, um ponto de apoio para seus educandos. Mais que isto, até, na visão religiosa de Champagnat o religioso-educador era responsável inclusive pelo ‘destino eterno’ das crianças e jovens entregues a seu cuidado [...]” (SILVA, 2004, p. 33).

A Educação marista possui como missão, o objetivo de seu fundador que é *‘formar bons cristãos e virtuosos cidadãos’*, objetivo que vivenciei ao longo da minha educação primária, com a formação do caráter com base nos princípios cristãos, ou seja, “como Escola Católica de tradição marista, é uma comunidade em que fé, esperança e amor são sempre vividos e comunicados, como também os educandos, progressivamente, são iniciados no permanente desafio de harmonizar fé, cultura e vida” (GOMES; SILVA, 2017, p. 139). O ensino religioso, que nos orienta a seguir os princípios de irmandade, do amor ao próximo e da caridade foram marcos formativos determinantes para que eu me guiasse na vida tendo uma trajetória com base no respeito e no ‘olhar para o outro’. Como educador, para Marcelino Champagnat,

o coração da criança é comparado a uma terra virgem que recebe a semente pela primeira vez e, sendo cultivada, preparada e com semente boa, produzirá frutos copiosos e duradouros. Por analogia, é o mesmo que acontece com a educação, ou seja, tendo a criança um bom ambiente escolar, educadores que cuidadosamente harmonizam fé, cultura e vida, o sucesso acadêmico e a vida feliz estarão garantidos (GOMES; SILVA, 2017, p. 138)

O próprio meio social-relacional das crianças pautado na autonomia e na troca entre os pares professor-aluno e aluno-aluno, permitem que os sujeitos processem e internalizem as informações necessárias ao seu desenvolvimento, pautados ainda na articulação das dimensões afetiva e cognitiva (GOMES; SILVA, 2017).

Mas, paralelamente aos princípios cristãos vivenciados na minha formação, o regime militar predominante na década de 1970, repercute nos processos políticos, pedagógicos e educacionais. Me lembro de várias vezes ir em fila com os colegas de classe até a quadra central da escola, onde tinha um mastro com a bandeira do Brasil, e os professores nos posicionavam organizadamente em fileiras para podermos cantar o Hino Nacional Brasileiro, em respeito e louvor a pátria. Na maioria das escolas o ensino tradicional e bancário⁵ dominava em nosso país.

Nasci na década de 1970, sou semente fecunda na estação do Militarismo no Brasil, período político complexo, marcado por disputas, lutas de classes, sofrimento, perseguições, punições e morte. Mas o que isso tem a ver comigo? Tudo! Por que ainda que sendo um bebê, eu nasci na efervescência dos movimentos políticos e culturais que lutavam por um país de direitos, um país tropical, da *Tropicália*, e mesmo que instaurada a censura, muitos autores e artistas retratavam em suas músicas, poemas e jornais, sua indignação e protesto contra o autoritarismo vigente e pelas mazelas que mancharam a nossa história. Ainda que eu, como ser em crescimento, não pudesse me conscientizar plenamente do momento político vivido naqueles anos, parece que há marcas que ficam num inconsciente coletivo e que só o tempo explicita e explica, trazendo para algumas paragens desse trem, pessoas e histórias que eram parte do palco dos movimentos políticos e culturais. E assim o foi...

Ao tentar rememorar tempos tão distantes, recorro da televisão em preto e branco de tela pequena que tínhamos em casa, com o jornal das 8:00 horas, da rede Globo de televisão, mostrando o desenrolar dos eventos políticos em nosso país. Por outro lado, no dia seguinte na escola, como aluna, me posicionar estupefata diante do mastro da bandeira do Brasil, parecia um paradoxo chocante para minha ingênua infância: como idolatrar um país que mata para calar as vozes dos desesperados?...

*Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido*

*Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas*

⁵ “não é de surpreender, então que, nesta visão ‘bancária’ da educação, os homens sejam considerados como seres destinados a se adaptar, a se ajustar. Quanto mais os alunos se empenham em arquivar os ‘depósitos’ que lhes são entregues, tanto menos eles desenvolvem em si a consciência crítica que lhes permitiria inserir-se no mundo como agentes de sua transformação, como sujeitos” (Harper et al, 1987, p. 99). In: HARPER, Babette et al. Cuidado, escola! Desigualdade, domesticação e algumas saídas. 24. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986. 120p.

*Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima*

*Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um naufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música...*

*Trecho da Música “Construção”
Canção de Chico Buarque de Holanda*

Esse é um marco da minha vida, porque, para os cinquentenários como eu, é impossível pensar o presente sem sentir as marcas históricas do passado. Por muitas décadas persistiu a educação tradicional em nosso país. Resquícios de uma memória incrustada dos processos políticos de interesse de muitos, da militância impositiva, das ameaças de que uma formação humana em forma de consciência crítica desenvolvida nos sujeitos possa mudar uma nação, uma esquerda que luta por seus direitos, que são direitos de todos nós cidadãos, enfim, dias de luta e, às vezes, dias de glória.

Dessa forma arrolavam os processos de ensino-aprendizagem, e poucos professores nos permitiam liberdade de expressão, ou eram abertos para os diálogos e questionamentos, ou nos conduziam a uma reflexão crítica da realidade política e social do país. Os poucos professores que proporcionavam essa diferença na prática docente, muitas vezes eram questionados pela escola, ou algumas vezes, às escondidas, eram chamados de rebeldes ou revolucionários.

Visitando as lembranças da escola, me pergunto se lembro de muitas matérias, algumas disciplinas, ou o que realmente fazia sentido ou gerava um certo encantamento em mim. Nessas recordações penso ser importante pontuar: do que recordo?

A didática, a metodologia, o currículo, a técnica, a cópia, a reprodução, a caligrafia, a repetição de frases e fórmulas, enfim, o ensino formal tradicional..., mas, algo que me entenece é o afeto ou o (des)afeto daqueles professores que foram para mim o exemplo a ser seguido ou não, daqueles que sentia poder confiar ou não. Essas relações (de amor e ódio) são aquelas que rompem as décadas e se conservam na memória, porque o professor que lhe toca, é aquele que percebe o aluno não apenas como mais um, mas como “um”, um ser único, com suas características e com suas necessidades e especificidades...

Eu me recordo muito de uma das professoras do primário⁶, que ministrava matemática, disciplina que não me agradava muito, mas com ela no “comando”, tornava-se agradável

⁶ Na década de 1983, “*primário*” era o nome usado para descrever as séries de primeiro ao oitavo ano equivalentes ao Ensino Fundamental I nos dias atuais.

aprender matemática, era uma professora firme, de uma postura autoritária, porém dócil... embora a dissemelhante análise, é assim que consigo descrevê-la! Marcante para mim, não apenas pela forma como ela organizava metodicamente os exercícios e os conteúdos de matemática, mas sua empatia com as crianças, com os alunos, sua atenção com todos, seu olhar atento, sua afinidade mesmo comigo, que a fazia perceber os dias que eu não estava passando bem, e, que sempre se dispunha a ouvir as crianças. Opostamente, me recordo de outro professor, que, com seu rigor acadêmico, inflexível, arrogante e “cheio de si”, parecia um professor recém saído da época da palmatória⁷, que transbordava a autoridade pelo medo, pela coerção, e foi assim que aconteceu minha primeira nota vermelha no boletim.

E foi dessa maneira, da quinta série em diante, que minhas notas nessa disciplina foram apertadas pelo desgosto, pelo medo e pela transferência do (des)entendimento pessoal para a matéria. Talvez sejam assim as relações, nem sempre somos conscientes suficiente para separar o que é para nós, ou o que é de nós para os outros, e seguimos, tocando-nos, de forma positiva ou negativa, nessa viagem da vida, com as idas e vindas...

*Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender ...
O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...*

*Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar ...
Amar é a eterna inocência,
E a única inocência não pensar...*

*Trecho do poema “O meu olhar”
De Alberto Caeiro (heterônimo de Fernando Pessoa)*

Vou atrás de um sonho, de um desejo de uma profissão, e ainda que mesmo com pequenos impedimentos familiares, persisto. Mudei-me para São Carlos com 17 anos de idade, cidade em que morei por 4 meses em um pensionato feminino, para fazer cursinho para a prova

⁷ “Espécie de régua de madeira, com uma das extremidades em forma circular, geralmente marcada por cinco furos em cruz, com a qual antigamente pais e professores castigavam as crianças, batendo-lhes com ela na palma da mão”. DÍCIO. Dicionário online de português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/palmatoria/>. Acesso em 12 fev. 2025.

do vestibular. Depois de dois vestibulares frustrados, um na Universidade de São Paulo (USP), outro na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), voltei a morar em Uberaba, na casa da minha família para continuar estudando para outro vestibular. Seis meses depois, já no ano de 1988, ingressei no curso de Decoração da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), na cidade de Uberlândia, já com meus 18 anos de idade, cidade na qual morei por quatro anos.

Esforço, dedicação, estudo e sonho, e também, incrustado na consciência/inconsciência individual, familiar e porque não dizer coletiva sobre a necessidade de se formar em uma faculdade, ser uma profissional, ‘*ter uma profissão*’ para atender as necessidades de sobrevivência no mundo capitalista. De acordo com a teoria do capital humano⁸, a educação não é apenas um direito ou um bem cultural, mas também uma forma de preparar o indivíduo para ser mais produtivo e competitivo. Ingressar em uma universidade é o sonho realizado de se capacitar e adquirir conhecimentos técnicos, habilidades específicas e competências cognitivas que me tornasse mais apta a enfrentar os desafios do mercado.

E, muitas vezes, iludidos com o *status quo* que a formação universitária pode gerar, nem sempre o diploma ou o aumento de qualificação se encontra diretamente relacionado a uma maior empregabilidade ou, até mesmo a salários mais elevados, evidenciando o retorno do investimento feito na própria formação, porque é importante reconhecer que a formação universitária, por si só, não é garantia de sucesso profissional. O contexto social e a própria dinâmica do mercado de trabalho podem limitar o alcance prático da teoria.

Nos dias atuais, no contexto contemporâneo, as características ressignificadas da teoria do Capital Humano passam a ter necessidades de trabalhadores polivalentes, devido à diversificação da produção, em pequena escala, demandada por nichos de mercados, incorporando o método *just in time*, que dispensa grandes estoques e faz com que se mantenha no emprego trabalhadores que produzam mais e melhor com menos tempo, os que não atendem a esse quesito são dispensados, e destitui-se da política de pleno emprego e se apoia em um contexto marcado por incertezas e por um desemprego amplo e estrutural. Exige dos trabalhadores que, em vez de buscarem estabilidade profissional, lutem diariamente para manter seu espaço no mercado, aumentando continuamente sua produtividade (Saviani, 2013).

Vejo-me em constante busca de capacitação, ampliando minha formação, me tornando cada vez mais polivalente não apenas para atender ao mercado, mas também para tentar obter

⁸ A teoria do capital humano emergiu em um período marcado pelo pleno emprego, influenciado pelos princípios da economia keynesiana e pelas ações do Estado de bem-estar social. Inicialmente, essa teoria concebia a educação como um instrumento para qualificar indivíduos a fim de suprir as exigências de um mercado de trabalho que demandava profissionais especializados. Nesse contexto, às instituições educacionais era atribuída a função de preparar a força de trabalho destinada à inserção no mercado (Schultz, 1973).

melhores oportunidades de emprego ou de prestação de serviço autônomo. Enfrentei diversos desafios ao longo da minha trajetória na primeira graduação, principalmente devido à falta de recursos financeiros. Meu pai, assalariado bancário, precisava sustentar dois filhos estudando fora de Uberaba, o que tornava a situação financeira bastante apertada para toda a família. O dinheiro era contado, morei em repúblicas femininas, foram cinco repúblicas em quatro anos, cada uma com suas particularidades e histórias.

E a faculdade? O curso dos sonhos, muito estudo, muitos projetos, não havia computadores na época da minha faculdade e todos os trabalhos eram feitos a mão: prancheta, régua paralela, régua T, esquadro, transferidor, compasso, curvas francesas, escala triangular, o lápis, lapiseiras e grafites, pranchetas, a borracha, gabaritos, o amor e o sonho! Formar, só o desejo forte é capaz de suportar as adversidades e os embates que a vida nos traz.

*Numa folha qualquer
Eu desenho um Sol amarelo
E, com cinco ou seis retas
É fácil fazer um castelo*

*Corro o lápis em torno da mão
E me dou uma luva
E, se faço chover, com dois riscos
Tenho um guarda-chuva*

*Se um pinguinho de tinta
Cai num pedacinho azul do papel
Num instante, imagino
Uma linda gaivota a voar no céu*

*Vai voando, contornando
A imensa curva norte-sul
Vou com ela viajando
Havaí, Pequim ou Istambul*

*Pinto um barco à vela
Branco navegando
É tanto céu e mar
Num beijo azul*

*Entre as nuvens vem surgindo
Um lindo avião rosa e grená
Tudo em volta colorindo
Com suas luzes a piscar*

Basta imaginar, e ele está partindo

*Sereno e lindo
E, se a gente quiser
Ele vai pousar*

*Trecho da música “Aquarela”
Compositores: Vinicius de Moraes, Guido Morra e Mushi.*

E os livros e as pesquisas? Naquele tempo, sem internet nem Google, os estudos eram feitos na biblioteca da universidade, e a maioria dos livros de arte eram escritos em espanhol, embora eu não fosse conhecedora da língua espanhola, sua similaridade com o português e uma boa interpretação do significado das palavras e, também, com a ajuda de um dicionário manual de espanhol, era possível compreender os textos. Manter um sonho vivo nunca é fácil para ninguém.

O professor que nos impacta pode, às vezes, despertar em nós sentimentos mistos de afeto, desconforto e desafio; é ele quem, em certas situações, nos mostra que somos capazes de fazer mais e melhor do que já fizemos. Foi assim: na faculdade, lembro-me de uma professora que constantemente questionava meus trabalhos e projetos, me instigava e, por vezes, me fazia duvidar das minhas próprias capacidades, apenas para, em seguida, me levar a acreditar nelas novamente. Tudo isso para que eu pudesse executar as tarefas com mais precisão e alcançar melhores resultados. Com o passar do tempo e apenas com a maturidade, percebemos que os professores que mais nos observavam, questionavam e desafiavam eram justamente aqueles que acreditavam em nossa capacidade e no nosso potencial. Enfim, ‘crescer’ também dói. Conforme a psicologia: sair da zona de conforto⁹, quase nunca é confortável para ninguém.

Foram quatro anos de muitas idas e vindas, nos dias da semana ficava em Uberlândia, e nos finais de semana, ficava em Uberaba, régua, compassos, esquadros e pranchetas, minha vida era um risco e um rabisco constantes... Nas aulas de desenho arquitetônico e perspectiva, era monitora da professora, e podia trabalhar bem próximo a ela, auxiliando as colegas, mulheres! Cursar a faculdade de Decoração naquela época era sofrer o rótulo de “curso para pegar marido”, via de regra, o curso era preenchido praticamente por alunas de gênero feminino, que vinham de uma classe econômica alta, pois demandava materiais de estudo caros e a maioria das estudantes eram da própria cidade, iam para o curso de carro e poucas eram estudantes de outras cidades. Nessa situação éramos eu e mais três colegas. Mesmo me sentindo inferior economicamente, as vezes éramos discriminadas por sermos de outras cidades, parecia

⁹ Zona de conforto refere-se a um estado mental em que uma pessoa se sente segura e familiarizada com suas circunstâncias atuais, evitando qualquer forma de risco, desafio ou desconforto.

me sentir como forasteira, e, apesar desse sentimento latente, não permitia que ele me afetasse. Insisto.

Fazer uma graduação é um sonho de liberdade, de poder trabalhar, se manter com seus próprios recursos, conquistar independência, acredito que esse era o sonho ‘ideal’, e assim, entre ônibus indo e vindo, viagem vai e vem, os anos passam e essa estação duradoura que embora pareça não ter fim, acaba. Como a efemeridade da vida, que embora jovem, com muito para viver, há de se refletir, que mesmo que um dia se vá, ainda há muito que fazer antes de ir.

*Numa folha qualquer
Eu desenho um navio de partida
Com alguns bons amigos
Bebendo de bem com a vida*

*De uma América a outra
Eu consigo passar num segundo
Giro um simples compasso
E num círculo eu faço o mundo*

*Um menino caminha
E caminhando chega num muro
E ali logo em frente
A esperar pela gente o futuro está*

*E o futuro é uma astronave
Que tentamos pilotar
Não tem tempo, nem piedade
Nem tem hora de chegar
Sem pedir licença, muda a nossa vida
E depois convida a rir ou chorar*

*Nessa estrada não nos cabe
Conhecer ou ver o que virá
O fim dela ninguém sabe
Bem ao certo onde vai dar*

*Vamos todos numa linda passarela
De uma aquarela
Que um dia enfim descolorirá*

*Numa folha qualquer
Eu desenho um sol amarelo (que descolorirá)
E com cinco ou seis retas
É fácil fazer um castelo (que descolorirá)
Giro um simples compasso*

E num círculo eu faço o mundo (que descolorirá)

Trecho da música “Aquarela”

Compositores: Vinicius de Moraes, Guido Morra e Mushi.

Graduei-me em Decoração na Universidade federal de Uberlândia no ano de 1994, e, voltei para Uberaba, onde tive uma oportunidade de trabalho em um escritório, junto a um conhecido profissional da cidade, lugar que trabalhei por quase três anos, me casei, e antes que pudesse abrir meu próprio negócio, meu marido foi transferido para a cidade de Brasília, e lá moramos por cinco anos. Por questões profissionais do meu cônjuge, retornamos para Uberaba, cinco anos depois. Eu voltei desempregada e sem vislumbrar de imediato novos horizontes profissionais. Ao retornar à minha cidade natal e começar a procurar emprego, ouvi de alguns empresários que talvez fosse melhor eu deixar Uberaba. Segundo eles, não havia espaço para uma *designer* com amplo *know-how*, recém-chegada de uma cidade grande. Faltavam oportunidades para mim ali. Entre sentimentos contraditórios – decepção, desilusão – sigo insistindo.

Tempos difíceis, faltava emprego, amigos, dinheiro, amor próprio, frustração, e ainda mesmo com um divórcio nessa época, persisti. Diante de um novo momento, e uma nova realidade de estado civil: divorciada, e às vezes me sentindo discriminada, passo a ‘sentir na pele’ os impactos de ser uma mulher divorciada reiniciando sua trajetória profissional, em uma cidade do interior, com as características da sociedade tradicional conservadora, mantendo em pleno início do século XXI, essa construção social de inferiorização da mulher. Essa construção é parte fundamental do que Helena Hirata (2007) denomina como a divisão sexual do trabalho como um dos pilares da dominação masculina no sistema capitalista. Para Hirata, a sociedade capitalista perpetua a desigualdade de gênero ao atribuir às mulheres o lugar do cuidado, da afetividade e da subalternidade - tanto na esfera doméstica quanto na profissional - legitimando o modelo patriarcal como natural.

Entre um trabalho e outro, e, por vezes, sentindo que era contratada mais por compaixão do que por competência, procurei preservar minhas características para manter minha personalidade independente. Decidi, então, dedicar parte do meu tempo aos estudos e iniciar uma especialização. O curso de Marketing e Vendas foi a minha escolha, e ele ampliou minhas perspectivas, além de me tornar mais segura e confiante para exercer minha profissão.

Dez anos se passaram em muitas estações, empresas, empregos, pessoas, amigos. Durante uma conversa familiar e alguns questionamentos profissionais, surgiu uma oportunidade de realizar um curso técnico no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

(Senac), e com incentivo de meus pais e diante de novas perspectivas, arrisquei. Insegura com a idade, com as incertezas e com o futuro, novamente, estudei.

4. Conexões entre Aprender e Trabalhar

Iniciei meu curso técnico aos quarenta anos de idade, dois anos que seriam de estudo e trabalho, um recomeço diferente, mercadológico, e, estudar para uma profissão técnica seria um retrocesso? Uma nova busca? Um novo trabalho? Uma nova profissão? Talvez uma garantia de estabilidade profissional ou financeira? Havia muitas questões e muitas dúvidas com essa escolha, mas novamente, invisto.

A Educação Profissional e Tecnológica (EPT) se caracteriza por ser uma formação voltada ao trabalho, com cursos de curta duração, focados na qualificação de mão de obra para suprir as demandas do mercado. Trata-se de um tipo de ensino que não necessariamente contribui para o aumento da escolaridade do trabalhador, pois seu foco está na formação para o exercício de uma função específica. Então, enquanto acrônimo “E” - educação, a essência é o emprego. A EPT responde às exigências do sistema capitalista, alinhando-se à teoria do capital humano ao formar profissionais produtivos e preparados para o mercado, contribuindo, por sua vez, para o crescimento econômico dos países. Assim, o discurso de associação entre trabalho e educação se dissocia, a partir do momento em que o interesse principal seja formação imediata, em detrimento a uma educação integradora de inserção laboral, enquanto atividade criativa, inovadora e emancipatória “[...] pois, sem uma relação orgânica entre trabalho e educação se torna equivocada e insuficiente” (MALDANER, 2016, p. 189).

Preciso trazer para esse conflito entre uma nova formação técnica e a formação acadêmica, propedêutica, as inquietações as reflexões de Paulo Freire (1996) sobre a inconclusão do ser humano, sua permanente busca e procura, às vezes com uma curiosidade ingênua e também crítica, mas que pelos seus movimentos acabam por ser tornar epistemológicos. Posto isso, procuro justificar tamanha inquietação pela ânsia do conhecimento, mas não pelo conhecimento estanque, parado e estacionado, que apodrece nas mentes egoísticas, como água parada no pântano, mas aquele conhecimento disseminado que está posto para todos os sujeitos como o sol, que doura a pele, nutre o corpo e alimenta a alma!

O homem como ser social, que aprende à partir do seu meio relacional, no qual ele se desenvolve, atua e influencia seus pares, suas instituições¹⁰ e a cultura, e para que isso aconteça,

¹⁰ Consideramos aqui a palavra instituição em seu aspecto amplo, ou seja, qualquer fundação existente que obedeça a um conjunto de regras e/ou normas, seja ela pública ou privada, para atendimento às necessidades de uma sociedade ou comunidade.

ele trabalha. Conforme Leontiev (1978), o homem entra em atividade, seja por uma atividade¹¹ de estudo ou de trabalho que ele produz para sua subsistência, age sobre o meio social em que vive, e produzindo, ele reproduz e reforça a cultura, intervindo sobre ela em seus mais variados cenários.

Movida por uma coragem que nasceu em mim mesma (automotivada) iniciei o curso técnico em Segurança do Trabalho, uma decisão que, na época, jamais imaginei que me conduziria ao caminho que hoje sigo: à docência. Durante o curso, tive duas professoras que me marcaram profundamente: eram determinadas, organizadas e técnicas, plenamente alinhadas ao propósito da formação: capacitar profissionais para o mercado de trabalho. Eu ainda não sabia, mas aquele momento seria o ponto de partida para transformações significativas em minha trajetória.

Antes de terminar o curso técnico e devido as minhas formações anteriores, fui convidada para ministrar algumas palestras e cursos pelo Senac, nas áreas de merchandising visual, atendimento ao cliente, vendas e outros. Aceitei. Mercado de trabalho, necessidade, capitalismo; novas fronteiras estavam sendo cruzadas. Antes de terminar meu curso técnico, à docência nos cursos técnicos de formação profissional estava predestinado nas minhas trilhas. Iniciei uma nova experiência: além de ministrar palestras, fui convidada a ser professora da disciplina de *Marketing* no curso Técnico em Administração e posteriormente na Segurança do Trabalho, e depois em outros cursos. Daí por diante, ao final do meu momento discente, já sendo “docente”, uma nova história começa a surgir.

Trabalhava com projetos e reformas e ao mesmo tempo trabalhava no Senac, escola de formação profissional e tecnológica, onde vivenciava as experiências da docência¹², um aprendizado na prática que não foi fácil no início, pois, para ser professor não basta apenas os conhecimentos técnicos, mas um amplo campo de saberes. Assumir a docência sem uma formação específica para ser professor é uma realidade comum em muitos contextos educacionais, e comigo não foi diferente. No entanto, recorro a Maurice Tardif, no que se refere

¹¹ A Teoria da Atividade esclarece a ‘atividade’ como o meio utilizado pelo ser humano para atuar e agir no mundo, e consequentemente, influenciar nas transformações da cultura e da sociedade. Segundo Leontiev (1978), foi a atividade de trabalho, como atividade externa que é, que hominizou o homem, a partir da ação sobre a natureza social na produção e utilização de objetos. Sendo que a atividade de estudo, diferencia-se das demais atividades pelo seu objetivo, pois é nela que o sujeito atua e desenvolve-se, tornando-se sujeito ativo de seu desenvolvimento e de sua aprendizagem, e consequentemente, se transforma.

¹² De acordo com a Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, que atualiza a redação do Art. 61, no inciso IV da LDB/1996, (BRASIL, 2017), trabalhar com a docência na Educação profissional e Tecnológica é necessário “[...] profissionais com notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino, para ministrar conteúdos de áreas afins à sua formação ou experiência profissional”.

à formação docente, autor estudado nas disciplinas do mestrado e no curso de Pedagogia, sobretudo no currículo das disciplinas do Estágio Supervisionado.

Como destaca Tardif (2002), os saberes que constituem o fazer docente não se limitam apenas à formação acadêmica formal. Eles são múltiplos, heterogêneos e resultam de diversas fontes, construídas ao longo da trajetória pessoal, profissional e social do indivíduo. Esse autor esclarece que a formação docente conta com teor plural, pois necessita de informações não só das instituições formadoras, como também de saberes de muitos campos do conhecimento, como tradição cultural, experiências no decorrer da vida profissional escolar, além da educação continuada e saberes provenientes da intersubjetividade, o que o autor chama da ‘mobilização de saberes’.

Sob a perspectiva de Tardif (2002), quando alguém se torna professor "sem ser formado para isso", não está desprovido de saberes. Pelo contrário, carrega uma bagagem rica e significativa. O desafio, nesse caso, é transformar esses saberes iniciais em saberes profissionais, por meio da formação crítica, da reflexão sobre a prática e do diálogo constante entre teoria e experiência. Como lembra Tardif, o saber docente não é algo fixo, mas um processo dinâmico e em constante (re)construção.

A docência, essa nova profissão que abracei, exigia de mim um 'notório saber', conforme previsto na LDB/1996, para que pudesse ser exercida. Iniciei nessa trajetória por necessidade – a necessidade do trabalho – essa atividade essencial por meio da qual o ser humano obtém seus meios de sobrevivência. Marx e Engels, na Ideologia Alemã (2001), destacam que apenas o homem é capaz de produzir sua própria subsistência, ao contrário dos demais animais; ou seja, o que os homens são coincide com sua produção. E, assim, eu trabalho!

Trabalhar na EPT é conviver com diferentes grupos sociais, com sujeitos de diferentes culturas, em sua maioria adultos em busca de uma nova profissão, de novas aprendizagens, sujeitos em sua maioria da classe trabalhadora ou operária, de baixa renda, em busca de um “estudo”, uma oportunidade de formação para a melhoria do trabalho. E ser docente na EPT é colocar em prática o exercício da mobilização de saberes citados por Tardif (2002), ou seja, compreender que o saber profissional docente está na convergência entre as várias fontes de saberes, oriundos de um conjunto de fatores que culminam na história de vida de cada sujeito, sejam individuais, sociais, escolares, ou mesmo proveniente de outras fontes de formação.

Aos poucos, fui me construindo como docente na Educação Profissional e Tecnológica. No entanto, uma inquietação persistia em meu interior: como exercer a docência sem ter uma formação específica para isso? Seria qualquer pessoa capaz de ser professora? — eu me perguntava. Não desejava cursar uma nova graduação, mas o tempo passava, e as dúvidas

permaneciam. A inquietação não cessava. Foi então que decidi elaborar um projeto de pesquisa para ingressar em um mestrado, algo que, naquele momento da minha vida, se mostrava não apenas relevante para minha formação, mas também estratégico na busca por novas oportunidades no meio acadêmico.

Após longos anos distantes de uma faculdade, ingressei como aluna especial na disciplina ‘Derivações Didáticas das Teorias da Aprendizagem’ no ano de 2018, no mestrado em Educação, na Universidade de Uberaba. Essa disciplina foi a porta de entrada para uma nova jornada acadêmica em minha vida. Ingressei no mestrado em 2019 e, graças à boa colocação no processo seletivo, fui contemplada com uma bolsa de estudos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig). Esse apoio financeiro foi essencial para que eu pudesse seguir nos estudos, já que, à época, não tinha condições de arcar com as despesas do curso por conta própria. Continuar trabalhando era uma necessidade, e sem a bolsa, seria quase inviável manter-me na universidade e cumprir com os custos das mensalidades.

Uma nova estação, um novo momento acadêmico surge na minha vida, momento de muito trabalho, muitas leituras: os textos, os artigos, as pesquisas, quantas novidades com as correntes educacionais estudadas e os famosos pesquisadores teóricos da educação, um mundo novo se apresentou diante dos meus olhos e da minha vida. Embarco nessa estação da Educação, como um mundo inserido às avessas no meu, pois, com alguns anos em sala de aula, a vivência docente na Educação Profissional e Tecnológica, foram fortalecendo em mim, os interesses da formação específica para o exercício profissional. Diante das minhas inquietações pude trabalhar uma dissertação com a temática da formação docente para a Educação Profissional e Tecnológica, uma pesquisa intensa, cheia de desafios e descobertas, que resultou em uma análise de um plano de curso para a formação de professores do Instituto Federal do Triângulo Mineiro.

Conciliar trabalho e estudo ao mesmo tempo é desafiador, e assim foi, pois como mulher independente, não podia me dar ao luxo de apenas estudar, precisava desdobrar meu tempo entre pesquisas, estudos, desenvolvimento de aulas, além dos afazeres domésticos e tempo para a família. Meus alunos, em sua maioria adultos, já haviam me demonstrado com nossos diálogos que eles ‘tinham pressa’, e eles foram para mim, muitas vezes o exemplo de esforço e dedicação, algumas mulheres tinham filhos pequenos, precisavam trabalhar, estudar e ainda assim, mantinham a esperança de conseguir com os estudos uma melhora profissional e financeira. Fazer um curso técnico ou de formação inicial continuada era para eles um início profissionalizante ou uma nova oportunidade de capacitação para o mercado de trabalho.

Uma das disciplinas curso de Pedagogia que reforçou os conceitos do mundo do trabalho e educação, clarificando esse conceito nesse momento atual de políticas neoliberais, foi cursada nos dois últimos semestre do curso: “Sociedade, Trabalho e Educação I e II”, cujo objetivo da disciplina I – estudar a forma de ser e as características do neoliberalismo e das políticas educacionais neoliberais, e da disciplina II – estudar as discussões teóricas que versam sobre os condicionamentos sociais e políticos impostos pela estrutura econômico-social capitalista à educação escolar, com a abordagem das características da educação capitalista no século XXI, além da teoria do capital humano na relação com o papel atribuído a educação escolar, no contexto do neoliberalismo.

Daí que, essa relação entre educação-formação profissional e empregabilidade ocupa um lugar central nos debates contemporâneos sobre políticas educacionais e desenvolvimento econômico. Em nosso país, com um cenário marcado pela instabilidade do mercado de trabalho e pela crescente valorização das competências individuais, a ideia de empregabilidade¹³ torna-se uma espécie de "chave mestra" para a inserção social. No entanto, é preciso questionar criticamente até que ponto essa lógica contribui para a emancipação dos sujeitos ou se apenas reforça as desigualdades estruturais.

A Educação Profissional no Brasil historicamente esteve atrelada à formação de mão de obra para setores específicos da economia, mantendo-se muitas vezes à margem de uma formação mais ampla e crítica. Segundo Saviani (1983), essa lógica reforça a dualidade estrutural do sistema educacional brasileiro, que destina à classe trabalhadora uma formação prática e técnica, enquanto reserva às elites uma formação científica e reflexiva.

Essa divisão de classes, oriunda de um processo historicamente construído, antes mesmo da instauração da sociedade capitalista, na qual, de acordo com Saviani (2007, p. 155) “[...] a apropriação privada da terra, então o principal meio de produção, gerou a divisão dos homens em classes. Configuram-se, em consequência, duas classes sociais fundamentais: a classe dos proprietários e a dos não-proprietários”. Conforme o autor, esse acontecimento da apropriação da terra, fez com a história da humanidade se dividisse em classes, sendo que a hierarquia destas classes influenciasse o princípio ontológico do homem. O homem necessita do trabalho para garantir sua sobrevivência, uma vez que não possui sua subsistência garantida pela natureza, ele age sobre ela, transformando-a e adequando-a às suas necessidades.

¹³ O termo "empregabilidade" é frequentemente utilizado de forma acrítica para descrever a capacidade do indivíduo de se inserir no mercado de trabalho. No entanto, tal conceito carrega consigo uma carga ideológica significativa, pois tende a deslocar a responsabilidade pelo desemprego estrutural das falhas do sistema econômico para o indivíduo (FRIGOTTO, 1993). Assim, promove-se a ideia de que o desemprego é fruto da falta de qualificação ou esforço pessoal, desconsiderando as dinâmicas excludentes do próprio mercado de trabalho.

Dessa forma, na sociedade da democracia, a feliz ou infeliz meritocracia, mormente exclui os já excluídos, uma vez que no discurso racional de cada um se responsabilizar por si próprio, nem sempre todos têm as mesmas oportunidades, e ainda que seres sociais, imersos no mundo do capital, separado pelas divisões de classes sociais, como esclareceu Marx¹⁴, em sua afirmação sobre a sociedade moderna se desenvolver, mas ainda manter (em pleno início de século XXI), as características da sociedade feudal.

*Trabalho como louco
Mas ganho muito pouco
Por isso eu vivo sempre atrapalhado
Fazendo faxina
Comendo no China
Tá faltando um zero no meu ordenado...
...Tá faltando sola no meu sapato
Somente o retrato
Da rainha do meu samba
É que me consola
Nesta corda bamba*

*Trecho da música “Tá faltando um zero no meu ordenado”
Compositores: Benedito Lacerda/Ary Barroso (1947)*

Pensar na docência para adultos, nos leva a uma reflexão crítica da Pedagogia, sobretudo da autonomia em Paulo Freire (1996, s/p.), que propõe uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e a autonomia do educando, “[...] é a convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócios-históricos-culturais do ato de conhecer”. Muito embora eu não tivesse formação especificamente docente quando ingressei na EPT, sempre prezei por manter uma relação de respeito, empatia e afeto com os alunos, procurando criar um ambiente de aprendizado baseado no diálogo e na confiança. Anos mais tarde, com o Mestrado e atualmente com a faculdade de Pedagogia, pude compreender que a pedagogia freiriana é essa que possui como pilar o respeito entre os sujeitos envolvidos nos processos educacionais e que defende uma educação humanizada e libertadora.

A complexidade do processo educativo contemporâneo exige do professor muito mais do que boa vontade ou conhecimento empírico. A formação acadêmica especializada tornou-se um pilar fundamental para garantir a qualidade do ensino e o desenvolvimento integral dos

¹⁴ Marx (1998, p. 41), “a sociedade divide-se cada vez mais em dois campos opostos, em duas grandes classes em confronto direto: a burguesia e o proletariado”,

alunos. “Evidencia-se, então, que Pedagogia não é um curso apenas, é um campo que compõe conhecimento científico. O profissional dessa área realiza tarefas educativas na formação e construção da humanidade [...]” (ALVAREZ, RIGO, 2018, s/p). Os autores assinalam que a Pedagogia é um campo de saber complexo e científico, que vai além da formação técnica. Ao afirmar que o pedagogo contribui para a formação e construção da humanidade, destaca-se o caráter transformador e social da profissão, reafirmando sua importância na constituição de sujeitos críticos e na promoção de uma sociedade mais justa e consciente.

Destarte, o curso de Pedagogia, em particular, desempenha um papel fundamental na preparação dos educadores. Essa especialização oferece ao docente um arcabouço teórico-prático robusto, capacitando-o para enfrentar os desafios de uma sala de aula cada vez mais diversa e dinâmica, pois, fornece conhecimentos teóricos e práticos sobre metodologias de ensino, desenvolvimento humano, gestão escolar e inclusão educacional. Além disso, a formação em Pedagogia permite ao professor compreender as necessidades específicas dos alunos, promovendo um ensino mais humanizado e eficaz.

Dias intensos e turbulentos marcaram os dois anos de minha trajetória no mestrado, especialmente durante o segundo ano, quando enfrentamos a pandemia de Covid-19¹⁵. Além das exigências das atividades discentes, as demandas das práticas docentes tornaram-se imensas. Em apenas três semanas, o ensino presencial foi abruptamente transformado em remoto. A adaptação exigiu dos professores o domínio de novas ferramentas tecnológicas, bem como o desenvolvimento de habilidades e competências até então pouco exploradas. Paralelamente à reinvenção da prática pedagógica, também nos deparamos com a dura realidade de muitos alunos que não dispunham de recursos adequados para acompanhar as aulas online. Realizar atividades remotamente tornou-se um desafio tanto para educadores quanto para estudantes. Assim, enfrentamos obstáculos até então inimagináveis durante quase um ano de trabalho em regime de “*home office*” nas escolas, com o objetivo de garantir a continuidade dos processos de escolarização em meio à crise.

Os professores precisaram se reinventar, adaptar-se a uma jornada de trabalho que antes era realizada em uma sala de aula, nos espaços escolares e em menos de um mês, a escola estava ‘dentro de nossas casas’. Foi um momento atípico que demandou o uso imprescindível de equipamentos e conhecimentos tecnológicos, revisando a prática pedagógica de forma

¹⁵ A covid-19 foi classificada como uma pandemia no mês de março de 2020. Mais de 655 milhões de casos da doença foram confirmados no mundo, com 6 milhões de vítimas fatais. No Brasil, a Lei n. 13.979 de 6 de fevereiro de 2020, estabeleceu medidas para o enfrentamento da doença, como o isolamento, a quarentena. Por esse motivo, as escolas precisaram fechar suas portas, e o processo de aprendizagem passou a ser completamente remota (manter rotina escolar no virtual) ou híbrida (ensino remoto associado ao presencial).

inesperada e, ao mesmo tempo, necessitando ser rearticulada para atravessar os momentos de isolamento social.

Foi um ano marcado na vida de milhões de pessoas: perdas físicas, pessoais, econômicas, profissionais, enfim, foram momentos que serão eternamente lembrados pela grande maioria da população mundial. E foi no término desse processo de isolamento social, que a oportunidade de cursar a Pedagogia, no formato de Educação a Distância aconteceu na minha trajetória de vida. Embora eu já trabalhe com programas de computador há muitos anos, a modernidade das ferramentas tecnológicas atuais me deixa muito animada e empolgada. Elas são consideravelmente mais rápidas e eficazes do que as que surgiram para os usuários comuns aqui no Brasil em meados do final do século XX.

Motivada pela oportunidade de cursar o Ensino a Distância – que, entre outras vantagens, elimina a necessidade de deslocamentos –, decidi participar do processo seletivo para a graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UaB). Apesar de valorizar muito a convivência presencial e o contato social, reconheci os benefícios desse formato para a minha rotina. Com grande alegria, fui aprovada em quinto lugar no processo seletivo, iniciando assim uma nova e significativa etapa em minha trajetória acadêmica. Seguindo viagem, essa nova estação em minha vida trouxe muito mais do que conhecimento teórico e prático para minha “quase” profissão docente. Trouxe também pessoas ímpares, especiais e queridas. Embora tenha conhecido poucas delas presencialmente, criamos vínculos afetivos profundos, tecidos na trama dos processos de ensinar e aprender. Compartilhamos o mesmo propósito: exercer, com compromisso e sensibilidade, o papel de educadores nesta sociedade do início do século XXI.

5. Entre Trilhos e Saberes: A Pedagogia no Meu Caminho

Entendemos que a formação de professores pressupõe intencionalidades políticas, éticas, didáticas em relação ao desenvolvimento das especificidades humanas, engendradas pelas condições sócio-históricas e mediadas pelas diversas relações com os outros e o mundo. A escola é o lugar das relações sociais e de mediação cultural, sendo que a Pedagogia, neste caso, torna-se “prática cultural intencional de produção e internalização de significados para, de certa forma, promover o desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral dos indivíduos” (LIBÂNEO, 2004, p. 5).

Minha busca pelo curso de Pedagogia nasceu da necessidade profissional, e também da minha paixão em aprender e ensinar, e saber que o sujeito é um ser capaz de se desenvolver em suas múltiplas possibilidades, e de acordo com Libâneo (2005, p. 21),

[...] escola existe para formar sujeitos preparados para sobreviver nesta sociedade e, para isso, precisam da ciência, da cultura, da arte, precisam saber coisas, saber resolver dilemas, ter autonomia e responsabilidade, saber dos seus direitos e deveres, construir sua dignidade humana, ter uma auto-imagem (*sic*) positiva, desenvolver capacidades cognitivas para se apropriar criticamente dos benefícios da ciência e da tecnologia em favor do seu trabalho, da sua vida cotidiana, do seu crescimento pessoal¹⁶.

Na escola o sujeito tem oportunidade de se relacionar com outros sujeitos, interagir para aprender, aprender novos conhecimentos, sendo que a escola possui uma extraordinária função social e a partir dela, com a transformação e desenvolvimento dos sujeitos, ampliam-se as possibilidades de transformação da própria sociedade. Libâneo (2001) destaca que a Pedagogia constitui um campo de conhecimento dedicado ao estudo sistemático do ato educativo, tal como ele se manifesta na realidade social, sendo esse processo fundamental para a constituição da atividade humana. A Educação é capaz de transformar os sujeitos, é capaz de conduzir e orientar na formação do humano, para o crescimento individual e ao mesmo tempo coletivo, ou seja, a vida em sociedade, dado que o ato educativo é complexo e multifacetado.

A disciplina Projeto Integrado I, ofertada no primeiro semestre do curso de Pedagogia, teve papel fundamental em minha formação ao proporcionar um amplo arcabouço teórico para a compreensão da formação do pedagogo, evidenciando a complexidade e a diversidade de sua atuação. Ao articular teoria e prática desde o início da formação, essa disciplina permitiu uma reflexão sobre seu papel na Educação, ampliando minha visão de mundo e reconhecendo a Pedagogia como um campo de saber dinâmico, comprometido com a transformação social. Foi essa disciplina continuada que oportunizou a escrita do meu primeiro memorial, no qual pude traçar as primeiras reflexões sobre minha vida escolar e as questões que a permeiam, bem como, suscitou um diálogo mais profundo dos questionamentos, conflitos e descobertas das minhas vivências docente-discente-docente. O pensamento crítico-reflexivo não se desenvolve de forma isolada, mas é fruto de um processo constante que envolve prática, diálogo e aprofundamento teórico. Quando o professor adota essas estratégias em sua prática pedagógica, contribui significativamente para a formação de alunos mais críticos, autônomos e preparados para enfrentar os desafios complexos do mundo contemporâneo.

¹⁶ Texto reproduzido conforme redação original

Muitas das nossas memórias da infância estão vinculadas ao espaço escolar, ao espaço educativo, como os amigos que tivemos, as experiências de aprendizado que construímos, os professores com os quais nos identificamos, mesmo aqueles com quem quais tivemos mais dificuldade, aqueles que possuíam características mais autoritárias, enfim, esse espaço é a ‘Escola’ - uma organização social que visa difundir valores a partir de fundamentos, princípios e objetivos, consonantes com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (Lei n. 9.394, de 1996)¹⁷.

Os documentos normatizadores da escola, contidos nas legislações educacionais brasileiras listam os direitos e deveres, bem como as instâncias de responsabilidades do Governo, Estado e Municípios perante o sistema educacional no Brasil. Diretamente associado à Escola, encontra-se o Projeto Político Pedagógico (PPP), sendo que ele é um documento normativo mais filosófico que permite que seja descrito quais os ideais de Educação da escola, das suas intenções educativas e concepções metodológicas, abordando ao mesmo tempo o que se deseja trabalhar como concepção de homem, de cidadão e de sociedade que se deseja formar.

As disciplinas de Princípios e Organização do Trabalho do Pedagogo II (POTP II) e Estágio Supervisionado I, do curso de Pedagogia, foram as responsáveis por oportunizar a reflexão aprofundada que o PPP é muito mais que um documento burocrático: ele é a espinha dorsal da escola, a bússola que orienta todas as suas ações e decisões. Sendo que sua importância reside na capacidade de consolidar as diretrizes e normativas que regem o ambiente educacional, garantindo coerência, intencionalidade e alinhamento entre todos os atores envolvidos. O estudo dos Projetos Políticos Pedagógicos nas escolas em que realizei os módulos do Estágio Supervisionado também foram cruciais para associação da teoria e prática das diretrizes assumidas pelas escolas e pelos seus responsáveis diante do ato educativo na condução dos processos educacionais, através dos atores envolvidos no seu contexto.

Assim como o mundo se transforma, a escola também modifica suas características, à medida que mudam os atores que nela atuam e se entrelaçam no cotidiano escolar, exercendo seu trabalho diretamente dentro desse espaço. A percepção desse fato, foi clara e evidente na minha formação acadêmica, pois a maioria dos nossos professores, aqueles que nos acompanharam durante a trajetória do curso de Pedagogia da UFU, para além dos diversos conhecimentos compartilhados da História da Educação e das correntes filosóficas educacionais, do entendimento dos processos de ensino e aprendizagem, da didática, entre

¹⁷ A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, é aquela que “Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional”, que abarca todos os princípios educacionais fundamentais no nosso país, desde como se estrutura e como se organiza o sistema educacional brasileiro, desde a educação infantil até o ensino superior.

outros, nos incitaram veementemente às percepções críticas e ao desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo.

A disciplina de Currículo e Culturas Escolares I abordou sobremaneira a necessidade do trabalho com as teorias pós-críticas dos currículos, para romper com séculos de ensino das teorias tradicionais e décadas de ensino com as teorias críticas, de uma forma emancipatória, na qual os sujeitos passem a ser emancipados. Ou seja, transformar as relações de poder nos processos dos sistemas educacionais, compreendendo que nem sempre todo o problema está na escola, mas suas raízes também estão fora dela, esse é um desafio enorme para a nossa sociedade centralizada, hierarquizada e especializada.

Dessa forma, destaca-se a importância de uma compreensão crítica e aprofundada do currículo, pois ele é profundamente entrelaçado com questões de identidade e diferença, pois não se trata apenas de uma seleção neutra de conteúdo, mas de uma construção cultural e política que define quais conhecimentos são valorizados e quais são marginalizados. Segundo Silva (2005), o currículo atua como um discurso que produz identidades, moldando subjetividades e organizando significados sobre o que é ser aluno, professor ou cidadão. Sendo assim, ele influencia diretamente a forma como os sujeitos se percebem e são percebidos, podendo tanto reforçar estigmas quanto abrir espaço para o reconhecimento da diversidade cultural, social e individual.

As escolhas curriculares são feitas dentro de relações de poder complexas, que envolvem disputas políticas, econômicas, ideológicas e culturais. Para Silva, o currículo é um campo de luta simbólica, onde se negociam sentidos, se constroem inclusões e se perpetuam exclusões. “Selecionar é uma questão de poder. Privilegiar um tipo de conhecimento é uma operação de poder. Destacar, entre as múltiplas possibilidades, uma identidade ou subjetividade como sendo a ideal é uma operação de poder” (SILVA, 2005, p.16). Assim, as decisões sobre o que deve ser ensinado, para quem e com qual finalidade não são neutras, mas refletem interesses específicos e estruturas de dominação. O currículo, portanto, está imerso em dinâmicas de poder que impactam diretamente as possibilidades de representação, pertencimento e reconhecimento dos diferentes grupos sociais na escola e na sociedade.

Por meio dos estudos, das pesquisas, das leituras e das aulas, bem como pela prática contínua da análise crítica de diversos temas, foi possível construir conhecimento a partir das múltiplas possibilidades oferecidas pelas atividades propostas nas disciplinas. O pensamento crítico-reflexivo não se desenvolve de forma isolada, mas é fruto de um processo constante que envolve prática, diálogo e aprofundamento teórico. Quando o professor adota essas estratégias em sua prática pedagógica, contribui significativamente para a formação de alunos mais

críticos, autônomos e preparados para enfrentar os desafios complexos do mundo contemporâneo.

*Professores
Protetores das crianças do meu país
Eu queria, gostaria
De um discurso bem mais feliz*

*Porque tudo é educação
É matéria de todo o tempo
Ensinem a quem sabe de tudo
A entregar o conhecimento
Ensinem a quem sabe de tudo
A entregar o conhecimento*

*Na sala de aula
É que se forma um cidadão
Na sala de aula
É que se muda uma nação
Na sala de aula
Não há idade e nem cor
Por isso aceite e respeite o meu professor*

*Trecho da música “Anjos da Guarda”
Compositora: Leci Brandão.*

A construção da identidade de um professor não é linear nem limitada a um único aspecto (como conhecimento técnico). Envolve múltiplas dimensões como: vivências pessoais, formação acadêmica, experiências profissionais, interações sociais, valores culturais e crenças individuais. E também, parte da formação dessa identidade ocorre sem que o professor tenha plena consciência disso, ou seja, ocorre de forma inconsciente. As escolhas, atitudes e práticas podem ser influenciadas por experiências passadas, modelos internalizados ou contextos culturais que não são imediatamente percebidos. Para clarificar tal afirmação, recorro à Tardif (2002, p. 38-39), que categoriza os saberes docentes em três grandes grupos:

Os saberes disciplinares que são saberes que correspondem aos diversos campos do conhecimento, aos saberes de que dispõe a nossa sociedade, tais como se encontram hoje integrados nas universidades, sob a forma de disciplinas, no interior de faculdades e de cursos distintos.

Os saberes curriculares [...] correspondem aos discursos, objetivos, conteúdos e métodos a partir dos quais a instituição escolar categoriza e apresenta os saberes sociais por ela definidos e selecionados são como modelo da cultura erudita e de formação para a cultura erudita. Apresentam-se

concretamente sob forma de programas escolares (objetivos, conteúdos, métodos) que os professores devem aprender a aplicar.

Os saberes experienciais [...] os próprios professores, no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolvem saberes específicos, fundados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento do seu meio. Esses saberes brotam da experiência e são por ela validados. Eles incorporam-se à experiência individual e coletiva sob forma de *habitus* e de habilidades, de saber-fazer e de saber-ser (grifo do autor).

Quando alguém ingressa na docência sem uma formação pedagógica sistematizada, o que sustenta inicialmente sua atuação são, sobretudo, os saberes da experiência e os saberes oriundos de sua formação anterior, mesmo que essa formação não tenha como foco o ensino. Dentre as funções que se agregam ao trabalho docente, conforme Tardif (2002, p.39), “[...] o professor ideal é alguém que deve conhecer a sua matéria, sua disciplina e seu programa”, e deve considerar igualmente a amplitude dos saberes docentes, que se compõem, na verdade, de outros saberes provenientes de diferentes fontes, incluindo as das ciências da Educação e da Pedagogia.

Todo saber implica um processo de aprendizagem e de formação; e quanto mais desenvolvido, formalizado e sistematizado é um saber, como acontece com as ciências e os saberes contemporâneos, mais longo e complexo se torna o processo de aprendizagem, o qual, por sua vez, exige uma formalização e uma sistematização adequadas (TARDIF, 2002, p. 35-36).

Assim, de acordo com o autor, compreendemos a complementaridade das formações com base nos saberes, sobretudo com os saberes experienciais, aqueles que o professor adquire no decorrer do exercício da sua profissão, que impactam e complementam sua atuação, auxiliando a formar a sua identidade docente, ao longo da sua trajetória profissional. Pode-se dizer que o aprendizado do professor acontece na dinamicidade de constante renovação, na integração de todos os saberes que vai colhendo no decorrer de sua vida, formando a totalidade do ser professor. Esses saberes, ainda que não pedagógicos no sentido estrito, contribuem para moldar a prática docente. Experiências profissionais anteriores, valores pessoais, vivências escolares enquanto aluno, além do domínio técnico de uma área de conhecimento, passam a compor a identidade docente em construção. Esses saberes precisam ser problematizados, reelaborados e sistematizados por meio da formação continuada, da reflexão crítica e da prática compartilhada.

Ressalto a importância dos professores que marcaram a minha trajetória discente (e/ou de todos nós alunos), na construção da identidade docente. Esses professores atuaram como modelos, positivos ou negativos, com ações que de certo modo impactaram na forma como o

futuro professor entende a Educação, o ensino e as relações interpessoais no ambiente escolar. Essa influência pode se manifestar em atitudes pedagógicas, estilos de ensino e até na maneira como o professor enxerga seus próprios alunos.

Isso posto, é possível perceber que além de outros fatores a atitude do professor impacta no processo de aprendizagem do aluno. Conforme Freire (1996), ensinar exige consciência do inacabado, reconhecimento do ser condicionado, respeito à autonomia do educando, apreensão da realidade, humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores. As tratativas dadas ao aluno, o respeito à própria situação e condição do aluno, a compreensão da sua realidade, e sobretudo o olhar humanizado, que percebe cada ser humano individualmente, implica em gostar, gostar das pessoas, gostar do outro. As relações são vias de mão dupla, e o reflexo das relações na dinâmica escolar interferem nas atividades docentes e discentes. De acordo com Libâneo,

Três coisas são, portanto, necessárias de serem ditas para quem quiser ajudar e não dificultar as condições do agir pedagógico. A primeira é que práticas pedagógicas implicam necessariamente decisões e ações que envolvem o destino humano das pessoas, requerendo projetos que explicitem direção de sentido da ação educativa e formas explícitas do agir pedagógico. Quem se dispuser ao agir pedagógico estará ciente de que não se pode suprimir da pedagogia o fato de que ela lida com valores, com objetivos políticos, morais, ideológicos. A segunda é que não é suficiente, quando falamos em práticas escolares, a análise globalizante do problema educativo. Aos aspectos externos que explicitam fatores determinantes da realidade escolar é necessário agregar os meios educativos, os instrumentos de mediação que são os dispositivos e métodos de educação e ensino, ou seja, a didática. E a terceira: dada a natureza dialética da pedagogia, ocupando-se ao mesmo tempo da subjetivação e da socialização, da individuação e da diferenciação, cumpre compreender as práticas educativas como atividade complexa, uma vez que se encontram determinadas por múltiplas relações e necessitam, para seu estudo, do aporte de outros campos de saberes (2005, p. 21-22).

O autor demonstra, entre ampla abordagem, que as práticas pedagógicas são ao mesmo tempo práticas sociais, pois, envolvem os sujeitos, e os sujeitos necessitam do conhecimento para se desenvolverem, e quando o fazem em espaços escolares formais, faz-se necessário que a ação educativa considere o humano e o destino dos seres que ali se encontram para adquirir conhecimento e se desenvolverem. Ou seja, a identidade docente é uma construção contínua e dinâmica, resultado de interações entre o consciente (decisões, escolhas) e o inconsciente (memórias, influências passadas). Analisar a identidade do professor requer olhar para as relações interpessoais ao longo da vida, especialmente as vividas na infância, quando os primeiros contatos com a figura do professor foram estabelecidos. Também é relevante

considerar como esses processos se entrelaçam com os contextos históricos, sociais e culturais em que o professor está inserido.

A partir da perspectiva de Libâneo (2005) e da compreensão da identidade docente como uma construção multifacetada, o curso de Pedagogia se revela um ambiente crucial para a modelagem da identidade docente do aluno da graduação. Ao integrar as práticas pedagógicas como práticas sociais (conteúdo bastante debatido na disciplina de Sociologia), o curso de Pedagogia oferece um espaço formal onde o futuro professor é incentivado a refletir sobre o seu papel na formação de sujeitos. Essa reflexão não se limita ao domínio técnico do ensino, mas se estende à compreensão do humano e do destino dos seres que estarão sob sua responsabilidade. Como discente, sou levada a perceber que a ação educativa deve considerar as necessidades e o desenvolvimento integral de cada indivíduo.

Finalmente, ao contextualizar esses processos dentro de contextos históricos, sociais e culturais, o curso de Pedagogia capacita o futuro professor a entender que sua identidade não é isolada, mas está intrinsecamente ligada às demandas e transformações da sociedade. Dessa forma, o currículo do curso, ao abordar teorias, metodologias e discussões sobre o papel social da educação, atua como um catalisador para que possamos construir uma identidade docente crítica, consciente e comprometida com a formação humana.

6. Conclusão

O curso de graduação na universidade oferece ao aluno vasta oportunidade de aprendizagem, entre esse conhecimento está sobretudo o conhecimento científico a ser inicialmente aprendido a partir de atividades diversas como: resumos, fichamentos e esquemas, que podem ser utilizados para registro de textos, e conseqüentemente, conduzem à elaboração de desenvolvimento de trabalhos mais elaborados que são os artigos científicos, relatórios, sinopses, relatos de experiência, entre outros. Para conclusão de curso, algumas áreas exigem o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para certificação, como esse aqui apresentado.

As teorias estudadas ao longo do curso de Pedagogia, presentes em diversas disciplinas da grade curricular, foram fundamentais para a compreensão da relação docente-aluno, evidenciando o papel social dos sujeitos escolares e a importância das interações com o outro no processo de desenvolvimento humano. Essa compreensão apoia-se nos aportes teóricos abordados durante a graduação, especialmente nas teorias cognitivas, com destaque para os estudos de Vigotski (1997), Piaget (1978), entre outros.

Outro aspecto relevante do curso é a vivência no campo de estágio, que oferece uma oportunidade valiosa de aplicar, na prática, os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de

aula. Essa experiência é fundamental para a consolidação do aprendizado, pois permite refletir sobre o impacto do ambiente escolar na vida, na escolarização e no desenvolvimento de crianças, jovens e adultos. Tais vivências contribuem não apenas para o aprimoramento acadêmico, mas também para a construção da identidade docente. Identidade por nós já enfatizada, na qual a construção contínua e dinâmica, é resultado de interações conscientes e inconscientes.

O curso de Pedagogia propicia ao aluno a oportunidade de analisar suas próprias relações interpessoais ao longo da vida, inclusive as experiências revisitadas da infância nos processos de escolarização junto com as figuras de professores. Essa autoanálise, mediada pelo conhecimento pedagógico e pelas discussões empreendidas ao longo dessa estação Pedagógica, permite que o estudante compreenda como suas experiências pregressas influenciaram e influenciam sua percepção sobre o ato de ensinar e aprender.

A escola, o local onde se encontra inserida, a gestão, os professores e os alunos, são um conjunto complexo, e não podem ser analisados apenas individualmente. Somos seres individuais, mas o conjunto social das realidades coletivas devem ser considerados impactantes no meio onde se encontram, pois se refletem na escola, que não pode se eximir da reflexão das questões sociais, e necessita considerar esses fatores nos seus projetos políticos e pedagógicos. A Educação não pode perder sua “[...] referência como lugar social da construção de conhecimento, promoção de valores, socialização e constituição das subjetividades” (VIEIRA *et. al.* 2013, p. 28080).

Formar-me Pedagoga é agregar a minha formação continuada a aquisição de novos saberes, ao desenvolvimento e evolução do saber-fazer, de forma a adquirir mais conhecimento e experiência, por isso, pontuo o desenvolvimento de formação pessoal, pois, essa não se realiza unicamente de forma autônoma. Acredito no professor como um sujeito reflexivo e inovador, sendo que na sociedade contemporânea, essas características de personalidades são importantes para a imagem do professor que acompanha as mudanças e os avanços tecnológicos que acontecem rapidamente na sociedade.

Quero ser e manter-me uma professora com olhar humano e crítico-reflexivo, caracterizado por atitudes e competências que transcendem o ato de ensinar conteúdos acadêmicos, como busco ser no meu dia a dia profissional. Desejo combinar empatia, ética e criticidade com as práticas pedagógicas de modo a valorizar o aprendizado, para que ele possa ser significativo e transformador. Acredito que esse é um dos maiores desafios encontrados na docência: exercer a prática docente com uma profissionalização para além de uma Educação bancária, mas uma Educação mais humanizada, na qual o professor possa compreender e

valorizar as individualidades dos alunos, acompanhando suas histórias, necessidades e emoções, criando um ambiente acolhedor, onde cada estudante se sente respeitado e ouvido. Ser uma professora que atua como agente de transformação social, promovendo valores de justiça, igualdade e solidariedade, ao mesmo tempo que possa ajudar os alunos a desenvolverem uma visão crítica sobre o mundo e a se posicionarem como cidadãos conscientes e ativos.

Como desfecho – ou talvez como antelóquio – desta viagem de trem que segue em suas paragens, trajetos e estações, espero ter conduzido o leitor a reflexões sobre essa grande travessia que é a vida. E com o consentimento inquieto de uma alma perscrutadora, desejo que aquele que media – o professor – mesmo ao interceder, conjecturar e refletir, possa, ainda que sendo um grande conhecedor, esperar comigo. Que, como nos provoca Rubem Alves (1994, p. 24), sejamos capazes de acolher com humildade o conhecimento que nasce do reconhecimento do erro, como nas teses que ele ironicamente defende: “Espero que haverá um dia em que os alunos serão avaliados também pela ousadia de seus voos! Teses que serão aprovadas a despeito do seu final insólito: ‘Assim, ao fim de todas estas pesquisas, concluímos que todas as nossas hipóteses estavam erradas!’ Pois isto também é conhecimento[...]”, porque errar faz parte do caminho para acertar, e porque, por mais que saibamos, jamais saberemos tudo.

7. Referências:

ALVAREZ, Adrian; RIGO, Mariana. *Pedagogia em Ação: o papel do Pedagogo e suas diversas atuações*. **B. Téc. Senac**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, maio/ago. 2018.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. ARS Poética Editora LTDA. 3ª ed. 1994.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, [1996]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 24 mai. 2025.

BRASIL. **Lei nº. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Dispõe sobre a reforma do ensino médio brasileiro, Brasília DF, 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm. Acesso em: 05 abr. 2025.

CUNHA, Maria Isabel. *CONTA-ME AGORA! as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino*. **R. Fac. Educ.**, São Paulo, v.23, n.1/2, p.185-195, jan./dez. 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/59596>. Acesso em: 04 nov. 2024.

DA SILVA SOUSA, M. G., & DE OLIVEIRA CABRAL, C. L. (2015). A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, 33(2) v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015. <https://doi.org/10.24933/horizontes.v33i2.149>. Acesso em: 15 nov. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra. 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva: trabalho, educação e política no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1993.

GOMES, Eliseudo Salvino; SILVA, Renato Augusto da. Marcelino Champagnat, duzentos anos de novidade sobre a educação das crianças e dos jovens. **Revista Logos e Existência**, V.6 N 2, 137-146, 2017. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2316-9923.2017v6n2.32445>

HARPER, Babette et al. **Cuidado, escola! Desigualdade, domesticação e algumas saídas**. 24. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986. 120p.

HIRATA, Helena. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmdsBWQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 mai. 2025.

JANOTTI, Maria Lourdes. **Coronelismo: uma política de compromisso**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LEONTIEV. Alexis Nikolaevich. N. **Actividad, consciência y personalidad**. Buenos Aires, Ed. Ciências del Hombre, 1978.

LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001. Editora da UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/xrmzBX7LVJRY5pPjFxxQgnS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 mai. 2025.

LIBÂNEO, J. C. (2004). A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a teoria histórico-cultural da atividade e a contribuição de Vasili Davydov. **Revista Brasileira De Educação**, (Rev. Bras. Educ., 2004 (27)), 5–24. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782004000300002>

LIBÂNEO, José Carlos. As teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo na educação. **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. Campinas: Alínea, v. 1, p. 19-62, 2005.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Testes ABC: para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita**. 13. ed. Brasília: Instituto Nacional de Estudos

e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008. 201p. – (Coleção Lourenço Filho, ISSN 1519-3225; 9). Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/historia_da_educacao/testes_abc_para_a_verificacao_da_maturidade_necessaria_a_aprendizagem_da_leitura_e_da_escrita.pdf. Acesso em: 12 fev. 25.

MALDANER, Jair José. **O papel da formação docente na efetividade das políticas públicas de EPT no Brasil – Período 2003-2015** – Implicações políticas e pedagógicas na atuação de professores. 2016. Tese (Doutorado em Educação) Universidade de Brasília. Brasília – DF.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A IDEOLOGIA ALEMÃ**. Tradução. Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

MUNARI, Alberto. **Jean Piaget**. Tradução e organização: Daniele Saheb. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 156 p.: il. – (Coleção Educadores).

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 6. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1983. (Coleção Educação Contemporânea).

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, v.12, n.32, p. 152-180, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wBnPGNkvstzMTLYkmXdrkWP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 abr. 2025.

SCHULTZ, T. W. **O capital humano: investimentos em Educação e Pesquisa**. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Teorias do Currículo: o que é isto? *In*: **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 11-17.

SILVA, W. A. **A formação de "bons cristãos e virtuosos cidadãos" na Princesa do Sertão: o Colégio Marista Diocesano de Uberaba (1903-1916)**. Cadernos de História da Educação (UFU) Uberlândia, v. 01, n.02, p. 01-168, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/30343/1/FormacaoBonsCristaos.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2025.

TARDIF, Maurice. Os professores diante do saber: esboço de uma problemática do saber docente. In: TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p.31-55.

VIEIRA, Adriano José Hertzog. CAIXETA, Sueli Pereira. ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. Ato educativo e fazer docente: reflexões a partir da psicanálise. **XI Congresso Nacional de Educação EDUCERE**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba. 2013. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7353_4895.pdf. Acesso em: 08 mai. 2022.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. Estudio del desarrollo de los conceptos científicos en la edad infantil. In: **Obras Escogidas**. T. II. Segunda Edición. Madrid: Visor, 1997, p. 181-285.

VIGOTSKI Lev Semionovich. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.